



A ESTOCADA

Editor e Proprietario

Director

Administrador

José Barata Ribeiro

Antonio Giacomo Nizza da Silva

Henrique Barreto

Redacção e Administração (Provisória): Rua da Palma, 228 — Telefone 2 7880

Composto e impresso na TIPOGRAFIA FREITAS BRITO, Ltd., Rua do Ferrel, 12 a 20
Telefone 2 7620 — Lisboa

Ainda vivia Ricardo Torres...

Ainda vivia Ricardo Torres «Bombita» quando Nizza da Silva me pediu que escrevesse acerca d'ele para «A Estocada».

A escolha do tema foi motivada pelo facto de eu haver estado com o grande toureiro dias antes, quando da sua recente passagem por Lisboa. O encontro foi assim: acabava eu de chegar a casa quando o telefone soou para anunciar que Ricardo Torres «Bombita» me havia procurado no jornal e pedia licença para ir a minha casa afim de ser informado do que havia acerca da morte de seu irmão Manuel, por ele ignorada ao chegar a Lisboa, vindo da Alemanha.

Respondi que conhecia a má nova através dum numero do «ABC», de Sevilha, o qual não tinha em casa mas que ia tentar obter na Baixa para lh'o levar ao Hotel.

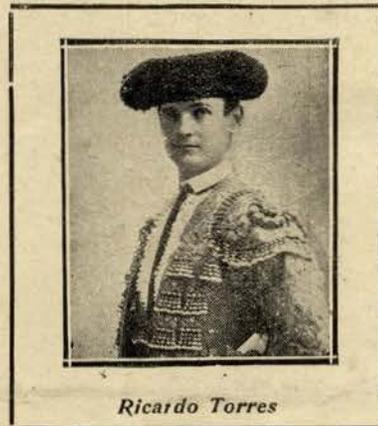
Entretanto, fiquei pensando no inesperado e desagradavel do lance, e no homem a quem, por capricho da sorte, eu tinha de confirmar a noticia triste que horas antes conhecera.

«Bombita», o fundador do Monte-Pro de Toureiros, para o qual toureou a sua ultima corrida, o corajoso iniciador do pleito dos miuras que não consistiu em recusar touros dificeis, como depois haviam de fazer outros toureiros, mas sim em pedir mais dinheiro para os matar pois ofereciam mais dificuldades que os outros.

E, para provar que os toureava, e que «podia» com eles, quando se despediu de Sevilha na Feira de 1913,

por **ROGERIO PEREZ**

fê-lo com um touro de miura, «Capachito», com todas as características da temível vacada, bronco e difícil. E quando todos othavam com curio-



Ricardo Torres

sidade o homem que iniciara o pleito dos miuras e que, já rico, se retirava matando um miura, viu-se o pundonoroso «Bombita» realisar uma das suas mais bravas jaenas, luctando com a morte que o espreitava, vencendo o inimigo em «pelea» heroica. E, ainda ha dias me dizia o meu velho amigo Manuel Ricou — não há nada que satisfaça o verdadeiro aficionado como uma «jaena de pelea» com um touro de arrobos e «pitones», e difícil

E que brava competencia a de «Bombita» com o bravissimo «Machaquito», sofrendo numerosas e graves colhudas — trinta e tantas cicatrizes gloriosas — e conservando sempre, mesmo a caminho da enfermaria, aquele eterno sorriso que não escapou à critica impiedosa dos adversarios em tão intenso periodo de lucta partidaria! Da força de vontade e da dignidade da profissão tinha este conceito: No Mexico, ao dar um «quebro de rodillas», foi colhido tão junto ao coração que ouviu dos medicos a sentença de morte se perdesse a posição vertical. Manteve-se durante longos dias sentado na cama, sem dormir para não perder a posição, a quando reapareceu na referida praça do México fê-lo com um quebro de «rodillas».

Do homem, bondoso e correcto, tinha eu a melhor impressão por confidencias dos seus intimos e meus saudosos amigos Artur Têles e Carlos Viana, e por conhecimento proprio. Algumas vezes lhe havia falado em Sevilha, onde continuou indo apesar de residir em Barcelona, e em Cordosa, onde, como em Jaen, possuía boas «fincas». A ultima vez que o vi, fôra pela feira sevilhana de 1935, na «Caseta» da Imprensa, ainda risonho, embora o sorriso fosse bem diferente daquele outro caracteristico do toureiro.

E voltava a vê-lo agora no «bar» do Hotel onde me aguardava um velhinho, abatido pelo mal que se lhe declarara ha cerca dum ano, e que se poderia agravar com o novo chô-

Comprar boas
mobílias só em

Silvas & Antunes, L.^{da}

Rua da Palma, 226, 228 e 230

Telefone 2 7880

que. Preocupado com esta ideia, evitei dar-lhe directamente o jornal sevilhano que relatava o falecimento de seu irmão Manuel; mas, Ricardo Torres apoderou-se da folha quando seu filho a estava lendo e, ao ver que a causa da morte fora uma doença renal, disse-nos que a noticia devia ser verdadeira. Para retardar a cruel certeza, esbocei varias duvidas, recordando que, com os acontecimentos de Espanha, muitas pessoas têm sido dadas por mortas sem que tal felizmente, se confirme. E procurei falar-lhe do filho que, segundo lhe ouvira em Sevilha, não gostava de Touros.

Felizmente — disse Ricardo Torres — para fugir ao ambiente sevilhano eduquei-o em Barcelona, e se assim mesmo ele acusasse vocação para a carreira que meus irmãos e eu seguimos, leva-lo-hia para Inglaterra, onde não é possível ser-se toureiro.

Por experiencia conheço os perigos e os desgostos da profissão, explicavel apenas, naqueles que por ela tentam libertar-se da fome, enriquecer, talvez...

— «Más cornás dá el hombre» — disse «El Espartero», creio.

E o pior é que depois de rico já se não pode comer, viver com satisfação. Sinto agora que a doença de que souro vem do tempo em que toureava, não me poupando ao esforço dos tres «tercios», toureando de capa, bandarilhando e agarrando a «muleta», sem descançar.

Um «groom» veio cortar a conversa, informando estar feita a ligação para Sevilha.

Chegara o mais difficil momento.

Que efeito produziria no espirito enfermo de Ricardo Torres a confirmação da morte de seu irmão?

Viu-o entrar na «cabine» com seu filho, e fiquei esperando, certo do que lhe iam dizer, e temendo o que poderia acontecer.

Minutos depois tive ocasião de comprovar que a doença não alterara a dura tempera daquele que fora toureiro valentissimo, homem sempre corajoso. O filho de Ricardo chorava abraçado ao pai, e este, dominando-se em esforço herculeo, ocultava a grande dôr por que passava, limitando-se a confirmar a cruel verdade com um gesto de cabeça. E, quando momentos depois o quiz deixar recolhido na sua dor, ainda insistiu no gesto de me ajudar a vestir o sobretudo e acompanhar até à porta. Os seus passos eram vacilantes, mas a sua vontade firme, como outrora. E no olhar, embaciado pelas lagrimas, havia mais que desgosto fraternal. Manuel fora o terceiro dos «Bombas», o seu herdeiro no momento em que se retirou da lucta ante a aparição de «Joselito».

Juan Lopez Lago

Este já famoso novilheiro estremeño continua en plan de exitos verdadeiramente arrolador.



Lopez Lago será matador de alternativa e dos caros, pois tem personalidade própria, inconfundivel, e estilo de torero de categoria.

A afición de Lisboa gostaria de ver brevemente no Campo Pequeno esta gran figura da novilleria espanhola, que certamente nos demonstraria a razão porque está catalogado como um dos diestros mais valentes e artistas do paiz visinho.

Tem a palavra a Empresa.

Este numero foi visado pela
Comissão de Censura

Os hospedes do hotel, testemunhas da tragedia que se desenrolara ante os seus olhos indiferentes, viam passar aquele homem que não conheciam e que ha anos era admirado por todos e disputado pelas mulheres. E eu recordei o que Carlos Viana lhe ouviu numa feira de Sevilha — a primeira depois de se haver retirado — ao tempo em que olhava, nostálgico, fotografias de exitos seus em passadas feiras:

— «Bastó un año para que todos se olvidaran de mí. El torero debe morir en la plaza y en un domingo de sol».

Isto dizia o toureiro que ha mezes morreu em Sevilha, depois de sobreviver a «Joselito», que morreu na praça e num domingo de sol.

Popularidade, triste ilusão que se perde na primeira noite escura, após os dias de sol!...

De patas arriba...

Verdades como punhos!

O critico do jornal «A Democracia do Sul» de Evora, que assina D. Imparcial II, vem defendendo com energia e persistência a Festa Brava. Publicou recentemente um artigo intitulado: «Onde estão os nossos cronistas?» recheado de verdades como punhos! Dêle extraimos as seguintes passagens, lamentando não o transcrever na integra.

¿Onde é que estão, a afición, os conhecimentos e categoria de cronistas, como El Rodrigueto, El Terrible Perez, Zé Sincero, Sobresaliente, Jaime Torres, que, na época finda e presentemente no defeso, nada escrevem sobre touros, em artigos doutrinários ou de propaganda? Então D. Bernardo da Costa, que na época finda não saiu do artigo de apresentação da empresa do Campo Pequeno?

E mais adiante, com carradas de razão, observa:

¿Como querem que a tauromaquia em Portugal possa tomar incremento, se os empresários, ganadeiros, artistas e criticos, em nada contribuem para esse incremento?

Noutro passo salienta com tôda a justeza a boa campanha dum grande critico e maior aficionado:

Presentemente apenas José Tello no «Correio Elvense» vem publicando uns artigos onde mostra a sua competência e conhecimentos, além de lembrar que em Portugal ainda há quem se interesse pela causa tauromáquica.

E fecha o seu magnifico artigo com estas referências:

Quanto à imprensa exclusivamente tauromáquica apenas temos uma publicação que interessa — A Estocada — pois é um periódico que sabe defender a Festa Brava e combater energicamente os seus detractores.

Existe ainda o Sector 1 que só interessa aos sócios do club com o mesmo nome por apenas se ocupar da vida do mesmo e dos passeios que organiza.

E é assim que, quem é verdadeiro aficionado e tem desejos de fazer algo em prol da Festa Brava chega a esmorecer por se encontrar isolado.

A Estocada agradece a justiça com que neste artigo se aprecia o seu esforço titânico a favor da verdadeira e unica Festa Brava, e felicita D. Imparcial II pela oportunidade e desassombro das suas afirmações. Creia que não está só no bom combate. Não desanime! Continue zurzindo!...

Fala a Empresa do Campo Pequeno

«A Estocada» no intuito de bem informar os seus leitores resolveu procurar a Empresa do Campo Pequeno para saber quais os seus planos para a proxima época.

Markado o encontro com D. Bernardo da Costa e José Rodrigues Teixeira, ambos acederam com a melhor boa vontade a dizer o que pensavam fazer.

E a entrevista principiou naturalmente com esta pergunta dirigida a D. Bernardo da Costa:

— Quais serão as combinações para 1937?

— Em definitivo, não temos nada. A guerra de Espanha não nos permite fechar contratos com ninguém. De Espanha, os toureiros esquivam-se em fazer-nos desde já condições, pois não sabem a posição da peseta na altura do pagamento do contrato. Do Mexico também nada se sabe, porque também depende da situação de Espanha. Temos esperança que as coisas estejam mais ou menos resolvidas na primavera e que a Espanha retome o fio dos seus destinos históricos.

— Realmente...

— Nestas condições, não podemos ter mais do que planos. Claro que tencionamos dar um mínimo de dez espectáculos, dos quais seguramente oito corridas, para as quais já temos apartados touros das melhores ganaderias portuguesas.

Deve este ano estreiar-se em Lisboa a nova ganaderia do sr. Joaquim Nuncio, formada, como sabe, com vacas de Soler e um semental adquirido a Juan Belmonte, pura casta Ibarra (Parladé).

Devemos também apresentar uma corrida de João Torres Vaz Freire, que hoje de tanto cartel disfruta em Lisboa. E pode também dizer que os srs. Alberto Patricio & Irmão, cujos touros tão apreciados são pela sua bravura e casta, estão desde já dando razão a uma corrida que lhe compramos.

— Se assim for, não ficam os aficionados lisboetas mal servidos e mais nada?

— Ganaderias espanholas?... Sim, é provável. E' natural que venham touros de Espanha, concorrer para confronto e estímulo das ganaderias portuguesas.

— E quanto a toureiros?

— Projetamos trazer a Lisboa aqueles que mais possam interessar o nosso publico e que melhor garantia ofereçam de triunfar, pois, como temos dito, esta empresa não se esquece que no exito dos toureiros está o seu proprio êxito — êxito moral, está claro,

mas êsse é aquele que ambicionamos acima de todos os outros.

— Haverá mudança na orientação técnica das corridas?

— Continuaremos dando aos nossos espectáculos o aspecto mais aproximado possível da verdadeira corrida de touros. Achamos que as *touradas* têm as suas praças proprias, que são as da provincia. O Campo Pequeno, sob a nossa empresa, não pode adoptar a velha rotina nacional... Nenhuma razão, nem mesmo de ordem material, nos leva a mudar de opinião sobre êsse assunto. E veja: se a nossa empresa tem algum merito, é exactamente esse: o de mantermos a nossa consciencia e a nossa coerencia atravez de tôdas as dificuldades, más vontades e contrariedades.

E mais não disse D. Bernardo da Costa pelo simples motivo de que nas circunstâncias actuais, mais não podia adiantar.

Esperem os aficionados da Festa Brava por noticias mais próximas da abertura da época, porque a «A Estocada» não deixará de os informar convenientemente a tempo e horas.

E, sobretudo, tenham confiança na seriedade, aficção e grande desejo de acertar de D. Bernardo da Costa e José Rodrigues Teixeira. Tudo o que fôr bom em matéria tauromaquica, será passado pelo redondel do Campo Pequeno. A ultima temporada foi uma prova exuberante de que acima de empresários, são grandes aficionados.

BACEIRA

A melhor vacina contra esta moléstia é a **Lipoldo Vacina c/ carbunculo I. B. V.**, porque com segurança imunisa todos os animais, inclusivê **cabras**, sem causar reacções ou desastres

Marco-Antonio Franco, L.^{da}

Rua da Prata, 156, s/loja - LISBOA

O bom aficionado:

assina «A Estocada»
lê «A Estocada»
anuncia em «A Estocada»
fala de «A Estocada»
auxilia «A Estocada»

precisa de «A Estocada»

Corridas nos Açores

Por Tomaz Borba

E' Angra do Heroismo, a linda capital da Ilha Terceira, a unica cidade dos Açores, onde existe uma Praça de Touros. Existiram já duas, mas um sinistro fez desaparecer uma.

Por êsses dois redondeis, passaram em fins do século passado e principios deste, várias figuras culminantes da tauromaquia Ibérica, tais como Faico, Mataito, Orôscio, Revertito, Lobito, Moiano, Joseito, Pechuga, Mazantinito, Cardenas e muitos outros que peor ou melhor ajudados, por amadores locais, fizeram a delicia dos muitos aficionados que em todos os tempos aqui têm existido. Em nossos dias tem o actual redondel, Praça de S. João, continuado a ser recinto de várias tardes de bom aficção.

Ali actuaram: Facultades, Alé, Plata, Cordovez, Plá Flores, Cantillana, Rodrigo Largo, Alfredo dos Santos, Agostinho Coelho, Procopio e muitos outros. No toureio a cavallo Fernando de Oliveira, Adelino Raposo, Ricardo Teixeira, D. Ruy da Camara, D. Alexandre de Mascarenhas e Victor Fernandes.

Também com amadores locais, que tanto no toureio a pé como no toureio a cavallo, existem em abundancia e valor, tem tido a Praça de S. João as suas tardes de gala.

E não vamos dizer que a matéria prima tenha sido sempre de molde a fazer brilhar os artistas e amadores. Depois de uns anos de apatia, estão os nossos ganaderos a primar pela apresentação de bons curros, para o que têm mandado vir do continente vários sementais para beneficiação das suas ganaderias. Em vista disto, de ano para ano a diferença na apresentação de curros tem sido notória.

Sendo assim, a vinda até nós de várias tournées, com melhores ou peores artistas, tem-se intensificado.

Durante o corrente ano são já dois os conjuntos de artistas que nos visitam.

Em Junho tivemos a visita de um «Niño» que, com um bom bandarilheiro e um bellissimo peão de brega, deu aqui 4 corridas.

Chamava-se êsse «novilheiro» Ricardo Navas «Ricardito de Sevilha», e a sua actuação nas 4 corridas foram, devido à sua nenhuma competencia, 4 autenticos desastres. Quanto ao

(Continua na pag. 6)

Nuncio na inti- midade

Alcácer do Sal, essa vila do Baixo Alentejo, banhada pelo Sado fica intimamente ligada à história do toureiro no nosso país, como berço dum dos maiores toureiros e aficionados portugueses de todos os tempos. Por volta do ano de 1901, quando a família Nuncio exultava com o nascimento do pequenito João, decerto não profetizava que tinha surgido naquele dia o toureiro que havia de ser mais discutido, aquele, que como Belmonte em Espanha, havia de ser o revolucionário do toureio em Portugal.

Foi pois a casa de João Branco Nuncio, que o jornal a «Estocada» se dirigiu nos primeiros dias do ano de 1937, para realizar a já aprazada entrevista, e gosar um dia em convivio do *Kalifa*, que se revelou como autêntico mestre, não do toureio, porque dentro desta faceta já há muito que estava consagrado, mas como «ganadero!»

Esta entrevista foge um pouco da clássica entrevista de perguntas e respostas, na casa apalaçada mobilada a estilo tal, etc., etc. A entrevista realizou-se tendo quasi sempre cenário apropriado.

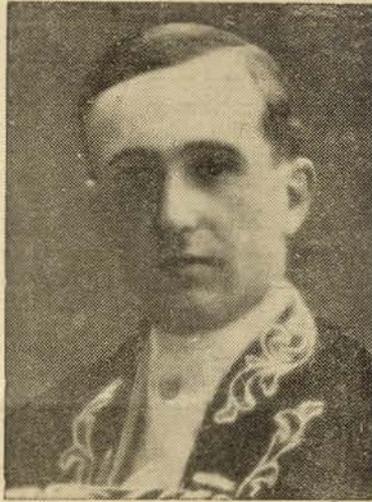
De jaleca, salões e «bonet» João Nuncio aguardava-nos no centro da vila onde todos os habitantes desde o pobre ao rico, do velho ao novo, o querem como seu filho dilecto.

Os primeiros cumprimentos, e a caravana marcha a caminho do seu escritório, a que com mais propriedade podemos chamar o seu «museu artistico».

As primeiras perguntas movidas pela nossa curiosidade, e estava começada a entrevista que só havia de terminar com o ultimo adeus de boa viagem.

Naquela dependência Nuncio ia-nos esclarecendo sobre a maioria dos obje-

Por Alfredo Ovelha



ctos expostos. Aqui a cabeça do célebre cavalo Garoto; mais além um estribo de prata que lhe foi oferecido por D. Ruy da Camara no dia da sua alternativa; acolá a um canto os cascos dos seus cavalos Lidador e Garoto, com as ultimas ferraduras que usaram, etc. E, assim sucessivamente, Nuncio vai sendo um cicerone precioso, até que nos conduz à «cavalariça» onde seus filhitos «Zé» e João, guardam os seu «cavalos».

São estes animais do mais puro e requintado gosto, talvez dos melhores que se possam adquirir nos estabelecimentos da especialidade. «Numerário», «Alpompé», «Santander», etc. são cavalos de pasta, com que por enquanto os pequenos Nuncio se podem entreter.

A senhora de João Nuncio, descendente duma das mais illustres famílias de Portugal, concedeu a honra de presidir ao almoço que decorreu no mais franco ambiente taurino, e que terminou com um brinde do nosso director à família Nuncio.

Henrique Barreto, com «Figurino» o seu espirito despreocupado, deve popularizar em breve este vocabulo.

«Figurino», é nem mais nem menos o touro com que Nuncio trabalha os seus cavalos. Já depois de terminado o almoço e de Nuncio ter ido pessoalmente levar medicamentos e informar-se do estado de «Blé», fiel tratador dos seus cavalos, dirigimo-nos no magnifico «Crysler Imperial», campos fora, em visita à lavoura que se encontrava em movimento.

Vinte touros puxando cinco charruas vão rasgando a terra, demonstrando quão vantajosa é para a economia do país a criação do gado bravo, que oferece sobre os mansos

Um dia em Alcacer

a vantagem de serem mais enérgicos nos trabalhos agrícolas. Depois de a uma voz do abegão dois touros se voltarem com a charrua, apesar de ainda há mês e meio andarem trabalhando, Nuncio manda soltar o «Figurino» no «tentadero». Monta o seu cavalo Tambor, assistindo nós a um espectáculo curioso. O touro que há pouco era inofensivo, agora já não é! Se Nuncio se descuida e deixa aproximar o cavalo demasiadamente, é certo que a colhida não se faz esperar. Aproveitando este episódio, e já depois do «Figurino» ter voltado à charrua, inquirimos: — Como conseguiu encontrar o Figurino?

Experimentei muitos, este era o que mais investia, tanta vez o toureei que começou a ter medo do castigo, e por isso, agora, em vendo o cavalo perto, dá o sinal de partida e fica no meio da investida, por se lembrar do ferro. É um animal impagavel, hoje, é o mestre dos meus cavalos. Estão à vontade com ele porque tem uma investida curta, não os assusta muito, mas eles sabem que às vezes também os colhe. Assim convenço os meus cavalos a «tourear a pé». Quando já sabem tourear de salão, toureiam novilhas de tenta.

Como podia ser prejudicial ao «Tambor» estar parado, Nuncio entregou-o aos cuidados do criado e prosseguiu: sabera que os cavalos têm de se subordinar à nossa vontade. É preciso obrigá-los a criar brio, moral, para defrontar os touros, porque de contrário dentro da arena começa cada um a puxar para seu lado; o cavalo para um, o cavaleiro para outro, o touro para cima dos dois e o público para cima de todos!

Quantos cavalos tem actualmente? Quatro: Numerário, Santander, Alpompé e Tambor; mesmo nunca costumou ter mais. Vamos vê-los. Lá

(Continua na pag. 7)

ANGELO SOARES

Veste todas as
pessoas elegantes

Rua da Prata, 156 — LISBOA
Telefone 2 3422

Exija nas suas mobilias



Espelhos

de

A UNIÃO

R. LUZ SORIANO, 23-A—LISBOA
TELEFONE 2 4485

Os meus "senões" quanto a Ortega

por FERNANDO BAPTISTA (Zé Sincero)

O director da « Estocada », amigo são, correcto, leal e aficionado de « pura cepa » perguntava-me há dias à meza da « tertulia »:

— Quando volta a escrever na « Estocada » ?

— ... Quando calhar, respondi.

Pois calha hoje. *Y és que hay asunto...*

Foi nestas colunas que Nizza da Silva disse aos seus leitores que eu me tinha convertido ao orteguismo. Sim, senhores; é verdade. Está na moda o orteguismo. Há modas grotescas a que ninguém se adapta, mas outras há que se impõem de tal maneira que a gente as adapta sem esforço, antes com entusiasmo.

Já por mais de uma vez disse que, quando Ortega veio a Lisboa, fui eu o primeiro rezenhador de touradas a afirmar que ali estava um grande toureiro. Depois, à maneira que deante da minha observação se ia desenrolando a arte de Ortega, chegava a esta convicção: o « fenómeno » de Borox se bem que cada dia mais senhor dos segredos do toureiro — toureiro de profundidade, toureiro de domínio — culminava a sua perfeição, dando-nos um padrão unico em todas as tardes. E, então, era a monotonia. Detalhei os porquês da minha afirmativa. Há, nas páginas da « Republica » algumas colunas acerca de Ortega.

« Zé Sincero » sem snobismos escusados, nem derrotismos que puzessem em cheque a sua aficção, atirava, lealmente, para a letra de fôrma, a sua opinião com argumentos — bons ou maus — quanto à personalidade mais em destaque no xadrez taurino.

Pretendi, sempre, ver objectivamente o caso Ortega, mas, a maneira pessoal como cada um de nós sente e interpreta a arte, em qualquer das suas manifestações, terá, naturalmente, influido na prosa em que falo do tão discutido *diestro*.

O meu temperamento — nervos em ebulição quasi permanente — fátiga-se com um espectáculo que dê repetidamente emoções de um só estilo. Standardizar-se o toureiro seria abominavel, mesmo que o padrão escolhido fosse o de Ortega que era a corporização absoluta do domínio, da segurança, da rapidez em vencer um touro. Ortega, chegado à muleta... Pá... pá... pá... três *trallaços* formidaveis e ali estava o tourete quieto e mansinho ao alcance da mão do *diestro* para as caricias nos *hocicos*, e ao alcance do pé para as *patadas*.

Ora o toureiro... « *el torero es Belleza o no es casi nada* ».

* * *

Tive bons companheiros. Tive mesmo grandes alegrias (isto é quasi uma blasfémia!) ao verificar que tempo depois de publicar um artigo com o titulo *Orteguite aguda?* o grande critico espanhol *D. Quijote*, estampava em « Fiesta Brava » uma rezenha censurando a Ortega os defeitos que eu notava, e, até, com expressões identicas.

Um « corresponsal » de Barcelona dizia para um jornal de Madrid:

« Ortega, con ese capote del tamaño de un telon de teatro, y el que suele coger casi de las puntas, no nos puede gustar su torero, maxime haciendolo a banderazos y abriendo desmesuradamente el compás. Como no camela pasarse el toro cerca, al segundo tenolazo se dispone a mandilear, haciendo las veces de peon de brega. Eso es mui cómodo, señor; pero como le salgan uns pocos imitadores, pronto habia que abolir la suerte de fijar al toro con lances a la veronica. Digamos que en los quites hizo sencillamente el *ganso*. Y, con la muleta, **siempre el mismo disco**, a zancalladas y con una sábana (!) por engaño... »

Zé Sincero não estava pois sozinho. Quanto à infalibilidade *del borojeño* para todos os touros, não há apenas o *Tapa bocas* de tarde cinzenta de Madrid. Que se saiba houve também aquele *Bonito* dos irmãos Guerreros, do México.

Leamos outro critico espanhol:

Y fué *Bonito* un estupendísimo ejemplar de la precitada ganaderia (simiente de Saltillo y Parladé), un toro bravísimo, codicioso, duro de patas y con fuerza en los riñones, quien puso al descubierto algo que los aficionados españoles sabemos hasta la saciedad, pero que los mejicanos no podian ni sospechar: que Domingo Ortega

con el toro bravo está más perdido que *Carracuca*.

Bonito llevó de cabeza a Ortega, y el espectáculo a que dió lugar con su impotencia fué de tal magnitud que motivó el que en periódico tan poco sospechoso de anti-orteguista como el *Liberal Gráfico* se escribieran estos párrafos:

« ¡ Domingo Ortega huyendo ante una res al par de Cagancho y Rafael Gómez, sin alteza, sin firmeza y sin virilidad! Domingo Ortega acobardado cual una damisela sentimental y clorótica!... »

Una verdadera derrota, sufrida con uno de los toros más bravos que se han jugado en Méjico en muchos años, al que el público rindió honores obligando a los mulilleros a que dieran con él la vuelta al ruedo.

Depois Ortega foi somando corridas.

O fenómeno descoberto pelo espartalhão que é Domiguin continuou em três épocas seguidas a destilar valor em toneladas.

Apogeu pleno do matador neste trienio estrondoso: 1933, 1934 e 1935.

Desde Badajoz a Caceres passando por Merida, desde Salamanca a Logroño tocando em Valladolid e indo de um salto a Valencia, eu tenho o *filme* de Ortega na memória que, embora, fraca consegue por aficção fixar as tardes grandes da Festa Brava.

E bailavam-me no pensamento estas expressões: Ortega?... Estupendo! — Sem senões?

Eil-as que ressurgem: a mão esquerda, o desapego ao toureiro de capa, a *uniformidade do ultimo tercio*. Por esse tempo estaria ainda no prelo a « *Tauromaquia Moderna* » de Federico Alcázar recentemente publicada, em que o autor escreve: « F... foi um toureiro de mais inteligencia que sensibilidade e de mais domínio que inspiração. Não foi o artista que improvise e em que surge uma faena espontanea e genial, mas o lidador que observa atentamente as condições do touro e faz a faena mais sábia e conveniente ». Sabem a quem se refere? Guerrita. Eu escreverei o mesmo acerca de Ortega.

Veu porém aquela noite no Campo Pequeno e... converti-me ao orteguismo. Como o artigo vai longo contarei isso noutra crónica a que poderemos dar este titulo:

Viuva Nizza, L.^{da}

||| ||| ARMAZEM DE MOVEIS
E C A D E I R A S

R. da Madalena, 165, 167 e 168

Telefone 2 4818 — LISBOA

Um abraço no Hotel Francfort
com testemunhas de vista..

Corridas nos Açores

(Continuação da pag. 3)

bandarilheiro Bellido e peão de brega La Plata, este já nosso conhecido do Campo Pequeno, deixaram muito boa impressão. O primeiro fácil e decidido e o segundo valente e conhecedor, foram os únicos elementos que plenamente agradaram.

Mas eis-nos já no inverno e outra tournée nos visita. Deste conjunto fazem parte, dois artistas espanhóis, o novilheiro Luiz Diaz «Madrilenito», que há pouco trabalhou no Campo Pequeno actuando de sobresaliente de Victoriano La Serna, e o valente toureiro que pela 6.^a vez nos visita, Plá Flores. Os restantes artistas são Alfredo dos Santos, que bastas vezes tem vindo até nós, Carlos Moreira e José Coimbra.

Num outro número daremos uma breve resenha, informando desde já que a estreia foi prometedora, tendo agradado bastante o trabalho de Madrilenito, Plá Flores e Carlos Moreira. Os restantes fizeram por agradar.

'TAUROMAQUIA' de Guerrita

2 volumes - Vende-se

Diz-se nesta Redacção

A Estocada é um jornal em absoluto independente. Vive dos seus assinantes, anunciantes e do auxílio desinteressado dos seus amigos.

Se concorda com as doutrinas defendidas por A Estocada, se é bom aficionado, se deseja prestigiada a Tauromaquia portuguesa *inscreva-se como amigo de A Estocada.*

Se cada leitor de A Estocada propuzer um novo assinante, o jornal poderá melhorar e sair com mais regularidade em períodos mais curtos.

Colchões de arame "LINITA"

Os únicos que têm condições próprias para evitar a aderência das parasitas

H. BONO — 73, R. do Diário de Notícias, 75 — LISBOA

Alberto Patricio & Irmão

Por informações particulares sabemos que uma das primeiras corridas da futura época, no Campo Pequeno, será destes estimados ganhadores de Coruche.

JOSE' TELLO

Este nosso querido amigo e colaborador encarregou-se de representar em Portugal o novilheiro Juanito Lopez Lago.

Sabemos que já tem algumas corridas contratadas e, entre elas, uma no Campo Pequeno onde se apresentará, talvez na 2.^a corrida da época, alternando com Pascual Marquez e Torerito de Triana.

Devem tôdas as Empresas dirigir-se desde já a José Tello — Elvas.

O bom empresário:

assinava «A Estocada»
lê «A Estocada»
anuncia em «A Estocada»
fala de «A Estocada»
auxilia «A Estocada»

precisa de «A Estocada»

INSTALAÇÕES COMPLETAS de CASAS DE banho

com facilidades de pagamento.

DIRIJA-SE VEXA. A CASA

HORACIO ALVES L^{da}

RUA AUGUSTA, 43-51 Bisboaz

Colaboradores de "A Estocada"

«A Estocada» inseriu no presente número a colaboração de dois dos nossos mais ilustres críticos tauromáquicos: Rogério Perez e Fernando Baptista (Zé Sincero), focando cada um assuntos do maior interesse para os aficionados. «A Estocada» publica também agora uma notável entrevista com João Nuncio, que nela dá mais uma vez lição aos aficionados portugueses. Embora «A Estocada» não quebre lanças pelo toureiro a cavalo, não pode deixar de se curvar perante a excepcional personalidade artística do cavaleiro de Alcácer — da sua ciência única, da sua Arte inimitável.

João Nuncio foi em Portugal para o toureiro a cavalo o que Juan Belmonte representou em Espanha para o toureiro a pé — um inovador, um actualizador, um revolucionário!

Isto afirma «A Estocada» sem a mínima isenção e consciência da responsabilidade de semelhante afirmação.

A todos estes distintos colaboradores que tão desinteressada e amavelmente quiseram honrar as colunas de «A Estocada» envia a redacção os seus melhores agradecimentos.

José Garcia "Algabeño"

Acaba de falecer em Sevilha, vítima da guerra civil espanhola, o valente e antigo matador de touros Pepe Algabeño. Muito conhecido e apreciado dos aficionados portugueses, José Garcia deixa em todos profunda e sincera saudade.

Há anos, quando no apogeu das suas faculdades artísticas, um grupo de bons aficionados rompendo com os usos e costumes da empresa de então, trouxe-o ao Campo Pequeno, onde exibiu por mais dumavez o seu fino e variado reportório.

Depois de um atentado a tiro que o deixou às portas da morte, dedicou-se Algabeño com bastante sucesso ao toureiro a cavalo entrando em competição com D. António Cañero.

«A Estocada» lamenta o trágico fim deste simpático e infeliz toureiro.

Madrilenito

Regressou de Angra do Heroísmo (Açores), onde tomou parte em numerosas corridas, o valente novilheiro espanhol Luis Diaz «Madrilenito». Graças ao seu valor, decisão e boa vontade, conseguiu Madrilenito naquela cidade um grande cartel e popularidade. Por isso volta no verão contratado para as quatro grandes corridas da Feira de S. João.

JOÃO NUNCIO NA INTIMIDADE

(Continuação da página 5)

estão na cavalariça, muito gordos, acusando pouco trabalho, pois Nuncio não os tem trabalhado, desde que findou a época. Daqui em diante, vai começar a sua faina como cavaleiro e as «banhas» devem abater um pouco.

Concorda com o toureiro em pontas? Claro, mas desde que nos deixem castigar os touros. Não se compreende que a um touro em pontas se pique com «alfinetes». O cavaleiro deve ter a liberdade de escolher o ferro ou rojão conforme a impetuosidade do touro.

Porque não dispensa algumas vezes os capotes? João Nuncio contesta. Não os dispense porque entendo ser necessário ao toureiro o conhecimento das características de cada touro e só depois de as conhecer eu posso desenvolver a lide. Como sabe, é na maneira como o touro entra ao capote do peão de brega que o diestro — no meu caso o cavaleiro — pode verificar as boas ou más qualidades do animal.

Como poderia eu, que baseio a minha forma de tourear no toureiro a pé, adaptando-o tanto quanto possível, dispensar logo de entrada um auxiliar que fixa o touro? Seria absurdo.

Interessa-me tourear o touro, e não ser toureado por ele, o que forçosamente me acontece se mando sair os capotes antes de ver o touro, se esse touro tem casta e génio. O cavalo a correr pelas tabuas fora com o touro atraz naquelas recargas de uma, duas voltas, quando isso sucede não se domina. E' o mesmo que o matador, que não aguenta a investida do touro e é perseguido até ao «burladero». Não tenho que medir terrenos só para pôr o ferro que pode ser de melhor ou peor execução; tenho que ficar perto do touro, para me poder dobrar com ele, enganá-lo, levá-lo toureado; porque a tourear a cavalo também se levam ou não os touros toureados.

Creio que será mais fácil correr adiante do touro para me ir dêle do que aguentar a investida para, dobrando-me o deixar colocado. Para isso preciso primeiro vê-lo a investir com os capotes para ver se obedece e o temperamento que traz.

Depois de nova caminhada no automovel encontramos em presença dos touros que estão destinados para esta época. E' um curro de oito touros, bonitos e de fina estampa.

Depois, 6 novilhos e o célebre touro que foi lidado ainda garraio no ano passado por «Conchita Citron» e El Soldado na praça de Algés, e que pelas suas condições de nobreza e bravura, tão boa impressão deixou.

Nizza, pergunta porque Nuncio — atendendo às excepcionais condições de bravura demonstrada por aquele touro, não o deitava às vacas, ao que Nuncio responde, dando-nos assim a conhecer o cuidado com que está orientando a sua ganaderia. — Não, não o faço por enquanto. Como sabe o touro é da ganaderia de Juan Belmonte, sangue Gamero Civico. As vacas são Neto Rebelo. Deitando agora esse touro às vacas não conseguia mais do que meio sangue, e isso não me interessa. Depois de conseguir quasi puro sangue então aproveitarei para semental, o melhor producto da minha ganaderia.

— Mas se depois de conseguir uma grande percentagem de puro sangue, não obtiver as condições exigidas? objectámos nós — Isso meu amigo, o remédio é recommençar. Quantas e quantas vezes se está cuidando duma ganaderia durante 20 anos, aproximadamente, e os resultados são nulos. Trabalho e dinheiro, tudo desperdiçado! — Mas tem esperanças na sua cruz? — Veremos, por enquanto é uma incógnita. Agora tenho novas experiencias.

Troquei os touros, obtendo assim além das duas cruzas que já tinha, outras duas. Espero assim saber qual é o melhor touro, se o meu ou o do meu Pai.

— Mas isso deve dar um trabalhão? — Olhe meu caro, eu ja tenho um lugar reservado quando for velhote. Cá de cima do camarote entreter-me-ei a abrir a porta do curral.

— Que touro tem «provado» melhor? O seu ou o de seu Pai? — ... foram comprados juntamente e tentados em campo aberto, com óptimos resultados. O meu suportou 6 puyazos sem voltar a cara. Mas, já em Alcaicer, encerrei-me com os dois na Praça de Touros da vila, e o de meu Pai deu melhor pelega.

— Prossequindo sempre na conversa sobre a sua ganaderia, o que foi para nós uma autentica lição sobre o elemento principal da Festa, — o touro — encontramos sentados para o jantar, desta vez com mais um conviva — o João — o filhito mais novo de João Nuncio, que sendo o fiel retrato do avô Nuncio, é o enlevo daquela casa. O ambiente do jantar a que o Pai Nuncio veio emprestar o brilho da sua aficção, foi o complemento brilhantissimo daquele dia que João Nuncio proporcionou aos elementos da «Estocada», dia que tão gratas recordações nos deixou, lamentavel só pela falta do nosso querido camarada, engenheiro Silveira.

Senhores empresários das Praças de Touros de Portugal:

A ninguem mais do que V. Ex.^{as} interessa que se fale de touros e de toureiros e se discutam os assuntos taumáticos. «A Estocada» é o único jornal português que fala e discute da primeira à última coluna a Festa Brava.

Desçam V. Ex.^{as} das suas torres de marfim

Dêem V. Ex.^{as} uma prova da sua intelligencia.

Sejam V. Ex.^{as} empresários da sua época.

Façam a propaganda das suas corridas no jornal «A Estocada».

TERTULIAS

Os directores, colaboradores e amigos de «A Estocada» reúnem-se pontualmente ás quintas-feiras em animada *tertulia* taumática no café Chave de Ouro. Nestas *tertulias* debatem-se com calor e elevação todos os assuntos taurinos da actualidade, problemas técnicos e questões artisticas, de modo que tais reuniões resultam sempre numa optima propaganda da Festa Brava.

Fernando Baptista, Baptista Duarte, Inacio Saraiva, Cantillana, Fermín Rodriguez, Henrique Barreto, José Barata Ribeiro, José Cunha da Silveira, Nizza da Silva, Francisco Almeida, Augusto Gomes Jr., José Mayer, João Branco Nuncio, Alfredo da Silva Ovelha, Joaquim Moça, etc., são os frequentadoras destas *tertulias* de aficionados.

Dinheiro!

Empréstimos a juro módico sobre ouro, prata, joias, mobiliário, roupas, antiguidades, (Compra e vende) etc.

Boas acomodações e sigilo nas transações

JOSÉ MAYER

Rua do Loreto, 20

Telefone 2 2881

...DE EVORA

Por H. R.

PRIMEIRO TOQUE

Com o presente escrito, iniciô a minha colaboração no jornal taurino «A Estocada» jornal que um grupo de aficionados da capital, no louvável intuito de defenderem e propagarem a *Festa Brava*, lançaram no começo da época que findou.

Dentro da ideologia dêste jornal, vou exercer o cargo de seu correspondente na capital do Alentejo.

Procurarei, dentro da verdade e da justiça, servir o melhor possível a causa porque êste jornal se vem batendo.

Não quero deixar de exarar o meu mais veemente protesto para todos os ganaderos que, sem o mínimo respeito e consideração pela divisa da sua ganaderia, não têm escrúpulos em enviar *toros corridos* para os redondeis. O toiro corrido é um dos piores factores da decadência da *Festa Brava* em Portugal. Contudo, ganaderos há, que se dizem aficionados, e que autorizam a ida, por quatro e cinco vêzes, rezas suas para serem lidadas.

Com os toureiros, usarei da imparcialidade e critério que me tem conseguido inúmeras antipatias nos profissionais do toiricio em Portugal.

Não deixarei no olvido a mais insignificante prova de medo, de falta de conhecimentos, patenteada por qualquer indivíduo que se apresente como profissional.

Resta-me solicitar dos bons aficionados da minha terra, que auxiliem e propaguem «A Estocada» — jornal que desassombadamente defende a verdadeira *Festa Brava*.

Lembrem-se que é pela imprensa que se consegue a melhor propaganda e defesa duma causa, mas se essa imprensa não fôr ajudada, a propaganda e defesa esmorecem e a causa enfraquece, se não acabar.

«A Estocada» está nos principios do bom aficionado; ela defende e propaga o nosso ideal, sem quaisquer tutelas, ou por motivos monetários ou de simpatia. Portanto, o aficionado honesto, criterioso e imparcial, tem que ser amigo e auxiliar êste jornal.

A época de 1936 em Evora

E dita a atitude que tomarei como correspondente, vou terminar com um resumo apreciativo da ultima época na *Cidade-muzeu*.

Foi deminuto o número de corridas efectuadas em Evora, ainda com a agravante de serem de fraca organização e de ruins resultados.

Seis espectáculos taurinos e apenas duas corridas formais — as da feira. Houve uma novilhada e três vacadas.

As corridas formais, alem de nelas rarearem os elementos de valor, tiveram resultados pouco abonatórios, motivados principalmente pelos toiros do sr. João Torres, embora bem tratados, mas mansos. Além disto, com o fraçassado *Alle* como *matador* (?) e com uns dois ou três bandarilheiros da última categoria, os mansos não foram obrigados a marrar.

A novilhada, embora não fôsse bôa, foi a melhor. O novilheiro Lopes Lago, com o seu valor, a sua valentia e desejos de agradar, salvou esta corrida de ir para a categoria das duas *mansadas* da feira.

Das vacadas, nada direi, a não ser que quisesse novamente dar uma *trépa* nos organizadores, por trazerem *muletas* para coadjuvarem a lide.

Apenas Procópio e Dias, foram os que se portaram bem. Os restantes vieram unicamente para cobrarem

VENDE-SE

Fato de toureiro, montera, capote de cortezias e dois capotes de brega que pertenceram ao toureiro António de Carvalho. Tudo em bom estado.

Rua dos Fanqueiros, 111-Lisboa

O bom toureiro:

assina «A Estocada»
lê «A Estocada»
anuncia em «A Estocada»
fala de «A Estocada»
auxilia «A Estocada»

precisa de «A Estocada»

os esculos. Em resumo: o novilheiro Lopez Lagos, os bandarilheiros Procópio, Dias, Agostinho, os cavaleiros, Simão, Luiz Lopes, e os amadores, Camara Mira, Joaquim Estevão Fernandes e Cortes Maldonado, são os únicos que merecem referencias especiais, dentre cêrca de trinta toureiros (?) que pisaram o redondel eborense na época de 1936!...

Por agora, não os cito. Para o ano falaremos.

MOVADO

MAURY

202 R. DO OURO 204

O INVENCIVEL

WK